

---

**A PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS AUTORAIS E AS NARRATIVAS UNIVERSAIS:  
IMPRESSIONES SOBRE A LEITURA LITERÁRIA INFANTIL NA PÁGINA DO LIVRO E  
NA TELA DO COMPUTADOR**

*THE PRODUCTION OF AUTHOR'S STORIES AND UNIVERSAL NARRATIVES  
IMPRESSIONS: ABOUT CHILDREN'S LITERARY READING ON THE BOOK PAGE AND ON  
THE COMPUTER SCREEN*

---

**Meri Nadia Marques Gerlin**

Professora do Departamento de Biblioteconomia e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB). Mestra em Educação e bacharel em Biblioteconomia pela UFES. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4292-2559>. E-mail: [meri.gerlin@ufes.br](mailto:meri.gerlin@ufes.br)

**RESUMO**

Ao dissertar sobre o tema da leitura literária direcionada ao público infantil aproprio-me de elementos da minha trajetória profissional, rememorando fragmentos da atividade acadêmica e da formação de leitores em bibliotecas, escolas e espaços comunitários. Para tanto, inspiro-me no método de produção do ensaio acadêmico que se baseia na contextualização da experiência pessoal e na articulação de referências produzidas por áreas do conhecimento científico e cotidiano. No decorrer da organização da escrita deste ensaio, coloco em análise a importância da produção das histórias autorais inéditas e da readaptação das narrativas universais que, ao longo dos séculos, constituíram contos de fadas, fábulas, mitos, lendas brasileiras folclóricas e capixabas atualmente recuperadas nas páginas dos livros em espaços presenciais e nas telas dos computadores que cada vez mais conectam crianças ao espaço virtual. Assim sendo, as obras literárias infantis, utilizadas por pais e responsáveis, educadores e bibliotecários e outros sujeitos que trabalham com a formação da competência leitora, contemplam as diferenças culturais e regionais em termos de publicação e disseminação dos gêneros literários no Estado do Espírito Santo, no Brasil e no Mundo.

**Palavras-chave:** Leitura literária. Literatura infantil. Literatura oral. Biblioteconomia e Ciência da Informação.

**ABSTRACTS**

When lecturing on the topic of literary reading aimed at children, I appropriate elements of my professional trajectory, recalling fragments of academic activity and the training of readers in libraries, schools and community spaces. For that, I am inspired by the method of production of the academic essay that is based on the contextualization of personal experience and the articulation of references produced by areas of scientific and everyday knowledge. In the course of organizing the writing of this essay, I analyze the importance of the production of unpublished authorial stories and the readaptation of universal narratives that, over the centuries, constituted fairy tales, fables, myths, Brazilian folkloric and capixaba legends currently recovered in the literature. pages of books in face-to-face spaces and on computer screens that increasingly connect children to the virtual space. Therefore, children's literary works, used by parents and guardians, educators and librarians and other subjects who work with the formation of reading competence, contemplate cultural and regional differences in terms of publication and dissemination of literary genres in the State of Espírito Santo, in Brazil and in the world.

**Keywords:** Literary reading. Children's literature. Oral literature. Librarianship and Information Science.

## 1 INTRODUÇÃO NARRATIVA

Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica (BENJAMIN, 1994. p. 205).

Tendo como desafio iniciar a escrita sobre a leitura literária durante a infância apresento fragmentos daquilo que tenho produzido e conhecido, acerca dessa temática, ao longo da minha trajetória profissional. Em alguns momentos compartilho a experiência que obtive com a criação de práticas de leituras e, em outros, procuro trazer à baila a dinâmica da produção acadêmica que me foi exigida como pesquisadora da Ciência da Informação.

Compartilho, para tanto, a memória da época em que atuei nas bibliotecas, salas de aulas e noutros espaços internos e externos às Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEF) da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) no Espírito Santo (ES) (BIANCARDI *et al.*, 2000). Esse foi um momento em que, além do desenvolvimento da prática bibliotecária, ministrei cursos, palestras e contei histórias profissionalmente, assim como iniciei o processo de escrita de narrativas autorais e adaptações de lendas capixabas, havendo, por conseguinte, o despertar pelo trabalho direcionado ao público infantil.

Na lida com o cotidiano da biblioteca escolar pude inter-relacionar o material coletado sobre a literatura oral com a musicalização, ao narrar histórias utilizando a linguagem multimodal (texto, som e imagem). Como resultado a produção do Livro e CD “Pássaro de Fogo: lendas, contos e cantos” registra narrativas autorais anteriormente trabalhadas no cotidiano das escolas da PMV. Na apresentação da referida obra consta a meta de “Resgatar valores e tradições envolvendo música e narração de histórias [... ao] trilhar caminhos de pesquisa sobre a cultura de nosso povo e sua relação com a oralidade” (CORADINE; GERLIN, 2007, p. 5).

O trabalho com a escola requereu ingressar no curso de mestrado em Educação, conduzindo-me às salas de aulas de instituições privadas do ensino superior do Estado do ES e, posteriormente, direcionando-me à docência no Departamento de Ciências da Informação do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e, hoje depois de mais de quinze anos, continuo compartilhando o que aprendi e aprendendo com a minha trajetória no Departamento de Biblioteconomia e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da UFES.

Na ocasião pude ministrar disciplinas que abordassem temas relacionados com a leitura literária sob a égide da responsabilidade social do Bibliotecário no processo de formação de leitores críticos e, atualmente, procuro manter essa linha de trabalho com as pesquisas no campo da Ciência da Informação, conforme realizado na sala de aula com o trabalho nas disciplinas que ministrei nos últimos anos, dentre elas recebem um

destaque a Competência Leitora voltada para a biblioteca escolar (i) e para a biblioteca pública (ii)<sup>1</sup>. Portanto, penso, junto com Bortolin e Almeida júnior (2010, p. 89), que o bibliotecário é um profissional qualificado para assumir a responsabilidade por desencadear e promover práticas de incentivo à leitura literária.

Na atualidade o tema gerador deste ensaio é abordado no contexto da Rede de Formação das Competências (REC) ligada ao PPGCI da UFES<sup>2</sup>. Desse modo, proponho narrar mais as minhas “impressões” com detalhes no lugar de apenas relatar fatos e acontecimentos conforme inspira Benjamin (1994), entendendo que a consolidação da proposta deste ensaio dependerá da continuidade desse exercício e, acima de tudo, das estratégias de resistências tecidas em torno da leitura literária praticada em espaços tempos de produção de competências, educação e (*ciber*)cultura como as bibliotecas escolares.

Com a expansão do ciberespaço (espaço virtual criado por meio da ampliação da conexão dos computadores à Internet no final do século XX), a literatura infantil amplia o seu potencial de encantamento, da página do livro à tela do computador e de outros equipamentos eletrônicos, extrapolando a práxis (teoria e prática transformadora) dessa atividade prazerosa e informativa para além do território espírito-santense.

Cabe ainda pontuar, que na tentativa de iniciar um diálogo sobre a leitura literária na infância coloco-me na posição de narradora que se utiliza dessa estratégia e, mesmo que tenha substituído a caneta pelo computador, convido os interessados a mergulharem comigo numa abordagem mais interativa do que costumo utilizar nas produções dos costumeiros artigos científicos. Por fim, importa referenciar nesta “introdução narrativa”, que ao pretender atingir o desejado em termos de produção da escrita argumentativa com base na minha experiência<sup>3</sup>, a Academia Capixaba de Letras e Artes dos Poetas Trovadores tem me auxiliado no exercício de (re)aprender a narrar, em prosa e em verso, os “outonos da vida e os anos **que se passaram nesta alma feminina**” (GERLIN, 2020b, grifo da autora).

## 2 DESENVOLVIMENTO DA NARRATIVA DA EXPERIÊNCIA

A reminiscência [...] tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si. Uma se articula na outra, como demonstraram todos os outros narradores, principalmente os orientais. Em cada um deles vive uma Scherazade, que imagina uma nova história em cada passagem da história que está contando (BENJAMIN, 1994, p. 211).

<sup>1</sup> Tópicos Especiais em Biblioteconomia III e IV ministrada para o Curso de Biblioteconomia da UFES.

<sup>2</sup> Canal da REC no Youtube. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC1aJBAMbXa8T6jQe10EO88A/videos>

<sup>3</sup> No percurso metodológico da escrita fez-se necessário a utilização do método de produção do ensaio acadêmico, que se baseia na contextualização da experiência pessoal (como em um relato de experiência) e na articulação do levantamento de referências produzidas por áreas do conhecimento científico, literário e pautado no cotidiano.

O ato de narrar a experiência deve necessariamente ter o narrador e o ouvinte presente segundo aponta Benjamin (1994), mesmo que posteriormente a narrativa seja registrada pelas tecnologias de escrita, informação e comunicação. Este artigo enfoca a narrativa com o aporte da leitura dos textos literários, conduzindo essa experiência ensaística que conta com a narradora (que escreve inspirada na estrutura dos textos narrativos) e com o ouvinte das palavras memoradas e, posteriormente, escritas (aquele que demonstra interesse pela temática e que lê o que está escrito ressignificando o conteúdo).

Assim como nesta produção de texto a literatura infantil é registrada, publicada e recuperada com maior intensidade e facilidade no espaço virtual, sendo armazenadas em suportes informativos e lúdicos como os livros, as revistas em quadrinhos e os ambientes da web (portais, sites, blogs, vlogues, etc.), “No âmbito científico e acadêmico, literatura é o conjunto de composições literárias, distribuída nos gêneros: narrativo, lírico e dramático. Sendo o narrativo composto por romances, fábulas, novelas, contos etc. [...]” (BORTOLIN; ALMEIDA JÚNIOR, 2010, p. 93).

Durante a infância a narrativa por meio da leitura da obra literária desenvolve a criatividade, a criticidade e a liberdade de expressão conduzindo a criança ao prazer de ler e ao desenvolvimento sociocognitivo, motivo pelo qual essa modalidade é comumente trabalhada em unidades de informação, educação e cultura como bibliotecas, escolas e espaços comunitários conduzindo as crianças à “[...] formação do ser humano como cidadão reflexivo” (CARVALHO, 2015, p. 12).

A literatura infantil direcionada à infância é constituída por histórias autorais e adaptações de mitos, lendas, contos de fadas, fábulas, dentre outros gêneros de relevância educativa, social e cultural, auxiliando aqueles que trabalham com a criação de práticas de incentivo às leituras multimodais (diversas linguagens). Existem publicações brasileiras originárias das histórias de fadas, fábulas e outros contos populares “universais” como os conhecemos na atualidade, que foram coletados desde a Grécia Antiga obtendo significado próprio das regiões em que foram oralizadas e que passaram por alterações e acréscimos das diferentes localidades em que foram recontadas e resgatadas.

Em vista de que o repertório da literatura infantil brasileira é influenciado por narrativas populares que sofreram alterações na sua formação original, é constituído em grande parte pelo material coletado em séculos passados por autores mundialmente conhecidos como Esopo (Grécia Antiga - 620 a.C. a 564 a. C.), La Fontaine (França - século XVII), Charles Perrault (França - século XVIII), Hans Christian Andersen (Dinamarca - século XIX) e Wilhelm e Jacob Grimm (Alemanha - século XVIII). Existem ainda obras cuja a autoria é desconhecida apesar de mundialmente reconhecidas, como os volumes das histórias “As Mil e Uma Noites” (Oriente Médio - século IX) (ARROYO, 2011; GERLIN, 2019).

Os recontos da obra por último citada eternizam Sherazade como uma astuta narradora que conseguiu fugir de um destino cruel e fatal tecendo uma rede com uma

variedade de contos por mil e uma noites, permitindo, nos dias de hoje, comparar a sua prática narrativa ao ato de interligar uma nova história a outra trama mais antiga como uma estrutura universal de colaboração para os contadores de histórias (BENJAMIN, 1994).

Como “Scherazade, que imagina uma nova história em cada passagem da história que está contando (BENJAMIN, 1994, p. 211)”, visualizei novas narrativas enquanto lia os contos de fadas que me auxiliaram durante momentos de formação com leitores na biblioteca escolar e em espaços comunitários como bibliotecas públicas, praças e palestras. Me apropriei da lógica narrativa de versões constituídas por aventuras de protagonistas com boas intenções obtendo um final feliz, sendo essa a maior característica desse tipo de história, já que “Não coincidentemente, isso resultou em muitos contos animados por Walt Disney, como Cinderela, A Bela Adormecida, etc” (HUECK, 2016, p. 16).

Em pesquisas realizadas na segunda década do século XXI identifiquei que no início esse gênero era direcionado ao público adulto (HUECK, 2016), muito antes das modificações que concederam o formato que as crianças (re)conhecem em suas leituras. Com o passar do tempo as adaptações dos contos de fadas foram adquirindo traços maniqueístas devido apresentarem situações básicas, simples e definidas entre o bem e o mal. “Por outro lado, as fábulas conseguiram manter praticamente a mesma estrutura desde a sua criação” (GERLIN, 2018, p. 82). Os resultados dessas pesquisas foram recentemente publicados em um ensaio na Revista Dias Ímpares, aproximando-se da meta deste relato de experiência, porém com um formato diferenciado já que se trata de espaço para autores de obras literárias (GERLIN, 2021).

Não me considero uma “autora de obras literárias” de fato e sim uma educadora que durante a sua trajetória trabalhou com a (re)leitura de obras literárias, tendo arriscado escrever, uma vez ou outra, histórias autorais resultantes da atuação na biblioteca, na escola, na universidade, na família, no ciberespaço e noutros dispositivos culturais nossos de cada dia. Para Foucault (2010, p. 244) um dispositivo é “[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas”.

Partindo deste pressuposto, “O dispositivo é a rede que se pode tecer” entre os elementos citados por Foucault (2010), incluindo, com isso, a prática da leitura literária na biblioteca escolar, permitindo que eu e muitos outros trabalhassem, dentro e fora, das arquiteturas de instituições que armazenavam registros das narrativas do repertório universal e regional do Estado do ES. Assim, por meio da narrativa da minha experiência a memória social (como resultado do registro da memória individual e coletiva) pode ser demarcada por estruturas de poder tanto quanto como estratégias de resistências.

Confesso que no espaço cultural da biblioteca e da escola as fábulas foram o meu maior desafio devido a sua maior característica ser registrada como uma imposição. Por meio da moral estabelecida para cada história narrada, a fábula acaba retratando

personagens como animais dotados de qualidades humanas e, de modo igual, proporcionando a visualização de posições demarcadas socialmente. Para romper com essa estrutura por diversas vezes trabalhei com adaptações dessa modalidade, utilizando-as posteriormente durante o desenvolvimento das ações de incentivo à leitura literária cuja a reflexão e criticidade estivessem em pauta.

A história “Raposa, cegonha e sopa” é um exemplo do exposto, constituindo-se como uma adaptação que fiz da fábula “A raposa e a cegonha” de La Fontaine. Nela existem elementos da estrutura da moral implícita na narrativa original: “Em prato raso ou jarro estreito, a raposa e a cegonha, não conseguiram tomar sopa... Quem com ferro fere recebe o ferro e a ferida... e não conseguem tomar sopa, sopa, sopa [...]” (GERLIN, 2007b, p. 20). Essa adaptação viabilizou a (re)leitura dessa fábula de forma que as crianças utilizassem as palavras da obra original junto com elementos contemporâneos, ao romper com a estrutura inflexível e ao viabilizar a recriação de uma narrativa em que a lição de moral (característica desse gênero) fosse suprimida dando lugar à brincadeira, à música e ao prazer de ler a obra original e, em seguida, que pudessem fazer um relato subjetivo por meio da leitura da história rompendo com a objetividade implícita nesse gênero de obra literária.

Diferente da estrutura maniqueísta dos contos de fadas e da moral imposta pelas fábulas, os mitos apresentam uma espécie de “herói” como personagem o que de fato me fascinou desde o princípio da minha prática profissional. Tendo origem nas narrativas dos povos gregos, acabam por explicar fatos da realidade (origem do mundo, fenômenos da natureza, etc.) inalcançáveis à compreensão humana da época. Para que a criação literária e da vida possam acompanhar a leitura dos mitos, penso que fatos contemporâneos, cotidianos e fases da vida humana podem ser retratados tendo como base essa estrutura narrativa. Motivo pelo qual utilizei a história do “Minotauro” (personagem pertencente à mitologia grega constituindo-se como metade homem e metade touro) preso no centro de um labirinto, para poeticamente explicar a transformação que o sujeito passa na pré-adolescência: período em que a criança sente “metade adolescente e metade criança” (GERLIN, 2020a, p. 71)

Da figura do Minotauro o menino se encontra muito distante, perdido entre os muros do labirinto com seus livros em estantes.

No lugar da figura mitológica da Ariadne de repente ouve a sua mãe narrar, e no herói Teseu o seu destemido pai pouco a pouco se transformar.

Com seres mitológicos recria cenas repletas de aventuras e mistérios, no lugar do novelo usa chaves para abrir cadeados, desenhar e atravessar pontes [...].

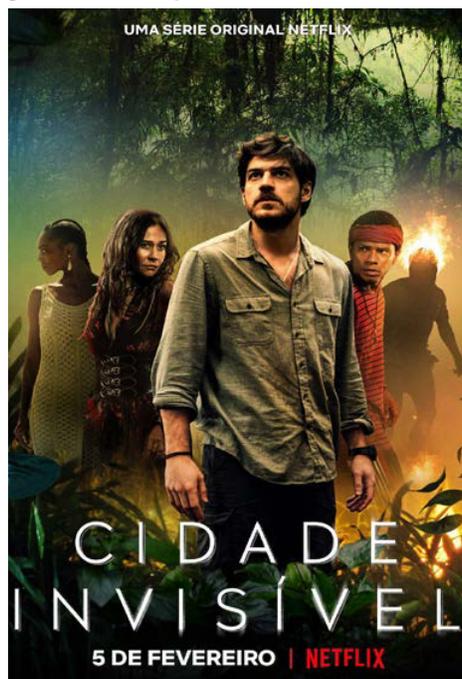
A narrativa poética visualizada no texto “Labirinto da Memória” (GERLIN, 2020a) acima apresentado, acaba demonstrando como os mitos e as lendas convertem-se em gêneros literários que explicam o surgimento do mundo e daquilo que nele há

na atualidade, tornando difícil a diferenciação da estrutura original das narrativas e, conforme na poesia em que trabalhei, podendo por meio da (re)leitura traduzir questões humanas e sociais pertencentes à sociedade contemporânea.

Enquanto os mitos se ocupam em explicar a origem do universo e estabelecer modelos de ações humanas destacando relacionamentos entre homens, semideuses e deuses por exemplo, as lendas regionais contemporâneas costumam trazer elementos da natureza que giram em torno de seres mágicos que, muitas vezes, mudam tragicamente o rumo das trajetórias dos personagens da trama (GERLIN, 2018). Esse último gênero oral, também é adaptado ao possibilitar a escrita de novas versões literárias impressas, audiovisuais e digitais, no cenário brasileiro, proporcionando, com isso, um conjunto de diálogos literários e cotidianos.

Do mesmo modo que a série televisiva *Once Upon a Time* (ONCE..., 2011) transportou contos de fadas como Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho para o mundo real, recentemente as lendas folclóricas do Boto Rosa, Curupira, Saci Pererê, Cuca e Iara, pertencentes à literatura oral brasileira (CASCUDO, 2015), saíram diretamente dos livros para a “Cidade Invisível” da Netflix (Figura 1) (CIDADE..., 2021). Nessa série a narrativa folclórica predominante do norte do país ganha vida na região sudeste do Brasil, especificamente no Estado do Rio de Janeiro (RJ) local em que a trama é basicamente desenvolvida.

**Figura 1** - Personagens da série “Cidade Invisível”



Fonte: Netflix (2021)<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Cidade Invisível. Netflix. 2021. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80217517>.

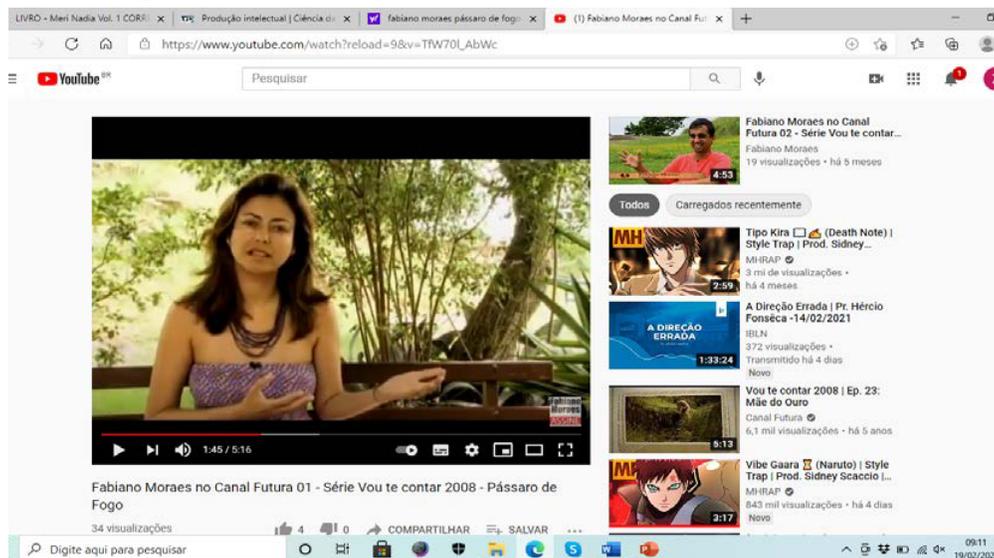
Nessa obra disponibilizada na plataforma *streaming* da Netflix (acessada via Internet), os elementos míticos da narrativa oral são ressignificados por meio da (re)leitura da lenda amazônica do “Boto”, um animal que se transforma num homem vestido de branco com um chapéu que esconde a sua real condição. Com essa narrativa televisiva no seriado “Cidade Invisível” justificou-se o fato dos personagens terem filhos de pais desconhecidos, denominando-os como filhos do Boto assim como os narradores tradicionais em outras épocas o fizeram (CIDADE..., 2021).

Outras narrativas do folclore ganham vida nesta obra como o “Saci” que na trama da Netflix recebe um destaque especial ao ter a sua origem explicada no período da escravidão, momento em que perde uma das pernas. A narrativa do “Curupira” é contada de forma que apresenta um ser mítico que protege a floresta, assim como os índios brasileiros fizeram e ainda o fazem. Da “Cuca” uma lenda folclórica da bruxa com aspecto de jacaré que rapta crianças, sendo uma explicação mítica para o desaparecimento de crianças. Do mesmo modo, desenvolve-se a narrativa da sereia “Iara” (figura folclórica parte mulher e parte peixe) retratada como cantora da noite ao atrair com sua voz os homens que levará ao mar para o destino fatal (CASCUDO, 2015; CIDADE..., 2021).

Por conta das características citadas, esse gênero literário é facilmente (re) adaptado em diversas regiões brasileiras, cativando o público infantil e auxiliando educadores no processo de formação da competência leitora (GERLIN, 2015; 2019). Esse tipo de leitura evoca explicações para a conformação de um determinado contexto geográfico, ao carregar consigo a constituição de aspectos relacionados com a religiosidade, o misticismo e a dinâmica da sociedade contemporânea (CASCUDO, 2015).

No caso das lendas do Espírito Santo (ES) destaca-se a publicação de Maria Stella de Novais (NOVAES, 1968) na década de 60 do século passado, posteriormente culminado em várias adaptações em obras literárias infantis no século XXI. Por meio do acesso a essa obra, “O pássaro de fogo” foi uma narrativa publicada por diversos autores por conta da forte identificação que evoca, explicando a constituição de importantes formações rochosas do Estado do ES: “Mestre Álvaro” no município de Serra e a pedra “Mochuara” situada em Cariacica. Em decorrência do exposto, fiz a leitura e recontei, por diversas vezes, o desfecho que apontava para o cacique, pai da índia, responsável por impedir o namoro com a intervenção de um feiticeiro e uma fada que eterniza o amor dos índios enamorados. Essa lenda por ser bastante recontada foi selecionada pelo Canal Futura para fazer parte da coleção “Vou te contar” (Figura 2).

**Figura 2 - Reconto da lenda Pássaro de Fogo na Pedra da Cebola (Vitória, ES)**



Fonte: Vou te contar (2008)<sup>5</sup>.

Na ocasião auxiliei no processo de formação de um grupo contadores de histórias, responsáveis pelo reconto coletivo na Pedra da Cebola (parque municipal localizado em Vitória no ES). Ao final do vídeo exponho que a lenda se constitui como “uma história de amor mesmo com a interferência do pai e da magia”, misturando elementos fictícios e reais que envolvem a natureza humana e a geografia da região em que a lenda indígena é originalmente narrada.

Destaco a adaptação da lenda “A Pedra do Diabo” que ao contrário do “Pássaro de Fogo” era pouco narrada na ocasião em que me apropriei da narrativa por meio da pesquisa de Novaes (1968). Com essa lenda trabalhei no cotidiano da escola e da universidade tendo que me deparar, muitas vezes, com barreiras no processo da sua disseminação devido reunir figuras profanas (não pertencente ao sagrado) e de cunho religioso (como os santos da Igreja Católica), culminando na necessidade do desenvolvimento de estratégias na sala de aula e na biblioteca para a propagação dessa história resgatada e, por conseguinte, na disponibilização do trabalho que fora realizado sobre a narrativa no ciberespaço<sup>6</sup>.

Recentemente publiquei um conto com a mesma temática: “Promessa para Santo Antônio em noite de festa de São João” (GERLIN, 2022). Nele a releitura do cotidiano é impressa como uma crônica das minhas reminiscências, do meio em que vivo e do qual me alimento durante as leituras de obras literárias. Nele faço o exercício de iniciar a narrativa com a descrição da personagem que coincidentemente é uma educadora: “Ela havia feito o curso de magistério e se considerava uma profissional de sucesso, pois fazia parte de

<sup>5</sup> Pássaro de Fogo da série Canal Futura. 2008. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=TfW70l\\_AbWc](https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=TfW70l_AbWc)

<sup>6</sup> A Pedra do Diabo. 2012. Disponível em: <https://apedradodiabo.blogspot.com/>

uma família que não alimentara o histórico da formação escolar”; mas essa é uma história para ser contada em outro momento por não se tratar da literatura infantil de fato.

O conto a cima citado remete a leitura e releitura que tenho feito junto ao intercambiamento das minhas experiências e dos sujeitos que estão ao meu redor. Do mesmo modo, a literatura infantil ao longo dos séculos fora constituída por narrativas inspiradas na experiência humana, sendo até os dias de hoje alimentadas por fábulas nas quais os animais magicamente retratam sentimentos humanos, contos de fadas em que bruxas, princesas e magos convivem em períodos de extrema dificuldade, lendas que explicam fatos relacionados com a natureza e, por meio das quais, bibliotecários, educadores, contadores de histórias, autores de obras infantis e roteiristas das versões televisivas e cinematográficas produzem adaptações dessas histórias resignificando-as.

Tendo em vista a diversidade de contos pertencentes à literatura universal brasileira e capixaba recolhidos oralmente, torna-se difícil separar o que é ou não de procedência oral (CASCUDO, 2006; GERLIN, 2018). O exposto comprova que a reminiscência se fundamenta na tradição responsável por transmitir conhecimentos por meio da narrativa conforme exposto por Benjamin (1994), torna-se importante para contextualizar a leitura literária infantil em espaços de informação, educação e cultura que trabalham com a competência em leitura, responsável pela apropriação reflexiva da informação. As pesquisas voltadas para a competência leitora durante a infância que se apropriam da narrativa de obras literárias, são desenvolvidas no campo da atuação bibliotecária e da pesquisa realizada no âmbito da Ciência da Informação.

Então, termino esta seção sem de fato finalizar o processo de diálogo ao destacar um assunto que poderá ser abordado em outro momento, já que devemos, igualmente, contemplar em pesquisas futuras aspectos relacionados com a limitação de tempo de utilização das obras literárias principalmente quando recuperadas no ciberespaço, com a seleção do material apropriado para o desenvolvimento dessa competência e com a avaliação da relevância da (re)leitura da adaptação dos gêneros das obras literárias infantis, demandadas em uma época de hibridização das práticas culturais, educativas e sociais.

Entretanto, o leitor, convidado a compartilhar comigo dessa reflexão dialogada, pode questionar qual o sentido de citar neste ensaio aspectos relacionados com a competência em leitura na infância já que, nessa fase, a criança ainda se encontra pouco capacitada para aprender buscar e recuperar autonomamente a informação, requerendo o desenvolvimento de um relacionamento com textos e contextos lúdicos e ilustrativos de forma que possa ser incentivada a ler por prazer e não por obrigação.

Explico o motivo desse apontamento final, ou quem sabe inicial, já que se torna um tema potencial para outra ocasião. Como professora e pesquisadora compreendo que o desenvolvimento dessa competência deva ter atenção desde a infância, envolvendo

educadores que percebem a necessidade de trabalhar com ela ao longo da vida (desde a infância até a melhor idade).

Outro apontamento que faço é que na atualidade tenho pesquisado sobre a importância das ações formativas no campo da competência, que costuma envolver a leitura literária e outras modalidades informativas, é bem verdade, porém tenho destacado a necessidade da aquisição de habilidades de busca desse conteúdo contido em livros e em outros suportes, textuais e hipertextuais, recuperados na Internet e em espaços presenciais como a biblioteca.

Nesse momento, identifico a competência leitora como necessária no processo de criação de estratégias para a formação de leitores durante a infância, permitindo-me compreender a importância da inclusão dessa temática que envolve a recuperação e o uso dos contos populares e literários nas pesquisas e ações realizadas no âmbito da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

Com isso, as adaptações literárias proporcionam o desenvolvimento dessa competência que compreende conhecimentos (saber compreender), habilidades (saber criticar) e atitudes (saber aplicar) (GERLIN, 2015; 2017), já que é destinada à promoção de aprendizagens por meio da compreensão crítica de diferentes linguagens e modalidades de leituras como a literária destacada neste processo de diálogo.

### **3 TECENDO CONSIDERAÇÕES...**

[Repito que] Tal é a memória épica e a musa da narração (BENJAMIN, 1994, p. 211).

Compreendo que na atualidade as narrativas das histórias da literatura universal cativam o público infantil nas páginas dos livros e, igualmente, nas obras digitais e eletrônicas alimentadas por linguagens multimodais (texto, som e imagem), podem, desse modo, serem acessadas e lidas nas telas de equipamentos eletrônicos como a televisão, o celular e o computador conectados à Internet, ao permitir que crianças do mundo inteiro estabeleçam contato com narrativas de diferentes realidades sociais.

Cada vez que ousar escrever sobre a leitura literária acabo percebendo o potencial das lendas brasileiras e capixabas em contribuir com a formação do leitor durante a infância não apenas no cenário espírito-santense. Nesse sentido, através da experiência e das pesquisas que tenho realizado acerca da formação de leitores, destaco o potencial de a literatura oral ser disseminada em suportes como os livros e produções audiovisuais, proporcionando que um repertório universal seja compartilhado mundo a fora no espaço presencial e virtual (híbrido).

Diante das diferenças culturais regionais e das necessidades de formação do público infantil que se torna cada vez mais autônomo ao acessar obras literárias no

ciberespaço utilizando, para isso, a tela do computador, dos tablets e dos smartphones, procurei colocar em análise a importância da produção das histórias autorais inéditas e da (re)adaptação das histórias universais de fadas, fábulas e mitos, dentre elas as lendas indígenas folclóricas e capixabas constantemente utilizadas por educadores, bibliotecários e outros profissionais em processos de formação de leitores.

Por meio de um repertório universal que reúne uma diversidade de gêneros da literatura infantil, comumente utilizados em bibliotecas, escolas, centros comunitários, residências e no ciberespaço, destaco a potencialidade da leitura narrativa dessas histórias para o desenvolvimento da competência leitora desde a infância.

Convém, portanto, colocar que as práticas investigativas e formativas que giram em torno da competência leitora (tema pouco abordado neste ensaio) no contexto do ensino, pesquisa e extensão da UFES se deram de maneira progressiva no início do século XXI, devido à ausência de divulgação nas publicações científicas principalmente e as atividades extensionistas sobre essa competência serem pouco exploradas no cenário nacional e internacional do ponto de vista da Ciência da Informação, ainda mais, se analisada da perspectiva da leitura literária na infância.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BIANCARDI, A. M. R. *et al.* Biblioteca escolar: ressignificando o espaço físico numa perspectiva técnico-pedagógica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO. 19., 2020, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: FEBAB, 2000. 1 CD-ROM.

BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação oral literária: algumas palavras. In: VALENTIM, Marta (Org.). **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 85-102

CARVALHO, Damiana Maria. A importância da leitura literária para o ensino. **Entreletras**, Araguaína, v. 6, n. 1, p. 6-21, jan./jun. 2015.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2015.

CIDADE Invisível. Direção: Carlos Saldanha. Elenco: Alessandra Negrini; Fábio Lago; José Dmont; Jéssica Côres; Marco Pigossi; Wesley Guimarães. Brasil: Netflix, 2021.

CORADINE, Márcia; GERLIN, Meri Nadia Marques. **Pássaro de fogo**: lendas, contos e cantos. Vitória, ES: GSA, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

GERLIN, Meri Nadia Marques. Biblioterapia e literatura oral: Leituras terapêuticas em espaços de informação, educação e cultura. **Biblionline** (JOÃO PESSOA), v. 15, p. 2-10, 2019.

GERLIN, Meri Nadia Marques. A informação contida nas lendas capixabas: o trabalho com a competência leitora tendo como aporte a oralidade da Região Metropolitana da Grande Vitória (ES). In: Cláudio Duque. (Org.). **Ciência da informação estudos e práticas**. Brasília: Centro Editorial, 2015. p. 7-28.

GERLIN, Meri Nadia Marques. Leitura literária e infância: da página do livro à tela do computador. **Dias Ímpares**: suplemento literário do Centro Cultural Sesc Glória, Espírito Santo, p. 08-12, 12 mar. 2021.

GERLIN, Meri Nadia Marques. No labirinto da memória. In: **Coleção Letrinha II**. Vitória, ES: Editora Jordem, 2020a. p. 71-75.

GERLIN, Meri Nadia Marques. Pedra do Diabo. In: CORADINE, M.; GERLIN, M. N. M. **Pássaro de fogo**: lendas, contos e cantos. Vitória, ES: GSA, 2007a.

GERLIN, Meri Nadia Marques. Produção da competência leitora em espaços tempos de informação, educação e cultura. In: Seminário Hispano Brasileiro: Investigación em información, documentación y sociedad, 6., 2017, Aracujú/SE. **Anais...** Investigación em información, documentación y sociedad. Aracaju: UNIT-SE, 2017. v. 1. p. 1-16.

GERLIN, Meri Nadia Marques. Promessa para Santo Antônio em noite de Festa de São João. In: BORGES, C. (Org.). **Antologia 42 Anos de Neutrovismo: 1980-2022**. Rio de Janeiro: Taba Cultural, 2022. p. 127-129

GERLIN, Meri Nadia Marques. Raposa, cegonha e sopa. In: CORADINE, M.; GERLIN, M. N. M. **Pássaro de fogo**: lendas, contos e cantos. Vitória, ES: GSA, 2007b.

GERLIN, Meri Nadia Marques. **Tecendo redes e contando histórias**: competências em informação e narrativa na contemporaneidade. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2018. 210 p. (Coleção No balanço das redes: tradição e tecnologia, v. 1).

GERLIN, Meri Nadia Marques. Ressurreição. In: **Poetas e escritores brasileiros**: antologia. Vitória, ES: Editora Canela Verde / ACLAPTCTP, 2020b. p. 221.

HUECK, Karin. **O lado sombrio dos contos de fadas**. São Paulo: Abril, 2016. 292 p.

NOVAES, Maria Stella de. **Lendas capixabas**. São Paulo: FTD, 1968.

ONCE Upon a Time. Roteiro: Adam Horowitz; Edward Kitsis. Atores: Jamie Dornan; Ginniger Goodwin, Jennifer Morrison, Lana Pmilla, Jared Gilmore. EUA: ABC Estúdios, 2011.

**Recebido/ Received: 02/07/2022**  
**Aceito/ Accepted: 09/08/2022**  
**Publicado/ Published: 30/08/2022**